



Negócios na China

LUÍS MIGUEL NOVAIS | Advogado | opiniao@grandeportoonline.pt

A Associação Comercial do porto organizou um curso de língua chinesa (mandarim) comercial. Inscrevi-me e também inscrevi a minha filha mais velha. Mas o curso não se realizou por falta de participantes...

A Associação Comercial do Porto organizou um curso de língua chinesa (mandarim) comercial para os seus associados. Inscrevi-me, entusiasmado e agradado pela oportunidade da iniciativa. E também inscrevi a minha filha mais velha, certo de que no futuro falar em chinês será ainda mais necessário do que já é actualmente. Ao fim e ao cabo, a China além de maior importador do mundo é agora, também, o maior exportador do mundo. O curso não se realizou por falta de participantes.

Custa-me a compreender por onde anda o corpo de comércio que no Porto tem tanta tradição. Por onde andam aquelas pessoas empreendedoras e com visão de presente e futuro, agora denominados empresários? Parece que não pela China.

Senão, creio eu, teriam interesse em comunicar, como fizeram os nossos antepassados, directamente de Português para Chinês, sem ter que passar pelo Inglês (triangulação perfeitamente desnecessária, redutora e criadora de confusões indesejáveis em qualquer negócio).

Será que tinha razão Fernando Pessoa quando afirmava: “com a dispersão por todo o mundo e a morte em tantos combates, precisamente daqueles elementos que criavam o nosso progresso, o nosso pequeno povo foi pouco a pouco ficando reduzido aos elementos apegados ao solo, aos que a aventura não tentava, a quantos representavam as forças que, numa sociedade, instintivamente reagem contra todo o avanço”?

Numa viagem minha em 2004 a Pequim, onde fui proferir uma conferência sobre a adesão da China à Organização Mundial do Comércio, encontrei empresários portugueses no avião. Que terá

“

Por onde andam aquelas pessoas empreendedoras e com visão do presente e futuro, agora denominados empresários? Parece que não pela China.

sucedido desde então? Estarei muito enganado ou a corrente de comércio entre Portugal e a China é incipiente ou praticamente inexistente? E muito em especial no que respeita ao corpo de comércio do Porto?

Tantas interrogações têm o amargo sabor a quase certeza quando, como é o caso, a Associação Comercial do Porto, superiormente dirigida por Rui Moreira, não encontra participantes suficientes para um curso de chinês comercial. Imagine-se se há um século atrás os empresários portuenses e demais membros do corpo de comércio da cidade, reunidos nessa mesma associação, não tivessem aderido ou participado em cursos de... inglês comercial.

Para desamargar a boca, fica-me a participação (em Lis-

boa, pois claro) como convidado no lançamento, em 14 de Outubro de 2009, de dois livros do meu amigo e colega advogado internacional Durval Noronha sobre, precisamente, negócios na China (em português) e negócios em Portugal (em chinês). Falta só acrescentar que o meu amigo Noronha (grande amigo e conhecedor de Portugal) é brasileiro, para se compreender de que lado está a iniciativa.

Não está em Portugal: a iniciativa empresarial dirigida ao fomento de negócios luso-chineses vem, agora, do Brasil – saudavelmente, diga-se, ao menos isso; mas que pena a falta do corpo de comércio do Porto.

Escusado será dizer que não consigo ler o livro em língua chinesa do Durval Noronha sobre como fazer

negócios em Portugal dirigido aos empresários chineses. Quisessem os outros associados da Associação Comercial do Porto ter assistido em número suficiente ao curso de mandarim comercial e, quicá, conseguiria ler este livro.

Aquele que consigo ler é o outro livro, também de Durval Noronha, em língua portuguesa e sob o título “Negócios na China – Guia Legal”. Escrito em bom português e recheado de coisas com interesse (digo eu, da minha banca de advogado) para qualquer empresário português que queira estabelecer relações comerciais directas com os seus congéneres chineses: tipos de sociedades comerciais na China; formas de investimento estrangeiro na China; tributação na China; O Direito da Propriedade Intelectual na China; protecção laboral na China; defesa comercial na China; sistema judicial na China; vistos para a China.

Por ventura serei o único membro do corpo de comércio do Porto que sente necessidade de aprender chinês comercial?



Ver a vida a andar para trás

FILIPA SOARES | jornalista free-lancer (Euronews) |

Como é que eu me atrevia a pensar que um dos três voos diários Lisboa-Lyon devia passar a servir o Porto?



ANTÓNIO RILLO

Porque hei-de ir ao sul, se o meu destino é o norte? É a pergunta que faço sempre que a TAP me obriga a passar por Lisboa nas minhas viagens, por exemplo, entre Porto e Lyon. E foi a questão que coloquei a dois colegas residentes na capital, numa altura em que discutíamos o facto de a companhia aérea nacional ter acabado com os voos directos entre a Invicta e essa cidade francesa.

Os meus colegas, passageiros frequentes da rota Lisboa-Lyon, tiveram reacções opostas. Se um compreendeu a minha revolta, dizendo que, de facto, não tinha lógica nenhuma os habitantes do norte do país serem forçados a um desvio no sentido inverso, o outro tinha um argumento de peso para justificar a opção da TAP: Lisboa era a CAPITAL. À luz deste estatuto, fazia, na sua opinião, todo o sentido que fossem os nortenhos a andar para trás, perdendo, no mínimo, mais duas horas de viagem, o tempo de um voo directo.

Como é que eu me atrevia a pensar que pudesse

ser os passageiros do sul a passar pelo Aeroporto Francisco Sá Carneiro, ainda que este ficasse mais “em caminho”? Como é que eu me atrevia a pensar que um dos três voos diários entre Lisboa e Lyon, realizados por aquela que devia ser a companhia aérea de todos os portugueses, pudesse passar a servir o Porto? Não só pensei, como verbalizei, esquecendo-me que também se peca por pensamentos e palavras... mas houve ainda quem, mais tarde, pecasse por actos: a Easyjet.

Imagine o leitor ou a leitora que, em 2008, a operadora britânica teve a ousadia de incluir o Aeroporto Francisco Sá Carneiro nas suas novas rotas entre Portugal e Lyon, contemplando-o, ainda por cima, com o mesmo número de voos que a Portela (quatro por semana). Desde então, milhares de emigrantes oriundos do norte de Portugal agradecem à companhia estrangeira por poderem, em alguns dias da semana, chegar mais depressa a casa, enchendo-lhe os aviões... e os cofres.

“

Porque hei-de ir ao sul, se o meu destino é o norte? É a pergunta que faço sempre que a TAP me obriga a passar por Lisboa nas minhas viagens, por exemplo, entre Porto e Lyon